

ÍNDICE

Introdução.....	9
-----------------	---

CONTOS E LENDAS

1 – Animais	19
2 – Entre marido e mulher	35
3 – Facécias	45
4 – Santos e outros motivos religiosos	105
5 – Contos sobre espanhóis	117
6 – Contos e versos sobre povoações	131
7 – Bruxas.....	141
8 – Emigrantes e contrabandistas	147
9 – Lendas de mouras e encantos	169

APÊNDICE DOCUMENTAL

1 – Lengalengas, ditos e ditados novelescos	179
2 – Provérbios e rifões	195
3 – Alcnhas de Pinelo	203
4 – Dicionário regional.....	213
Bibliografia.....	239
Notas Biográficas dos principais informantes	241

INTRODUÇÃO

“O que é preciso é estudar as nossas primitivas fontes poéticas (...). O tom e o espírito verdadeiro português esse é forçoso estudá-lo no grande livro nacional, que é o povo e as suas tradições”¹.

Os românticos descobriram o povo e se tal descoberta não se traduziu de imediato em termos de ideologia política, revelando alguma incoerência destes autores, a verdade é que pode ser considerada como o fermento que levou à democratização da sociedade e da cultura. Não é sem razão que as ideias de Alexis de Tocqueville, que influenciou muitos românticos e particularmente Alexandre Herculano, continuam ainda hoje a ter actualidade. Referimo-nos em especial ao triunfo da era democrática, anunciado pelo autor francês, e também ao confronto entre a igualdade e a liberdade. Ora é neste confronto e tensão, liberdade versus igualdade, que o povo adquire um paradoxal estatuto de herói e de vilão; isso mesmo, como se continuasse a veicular uma imagem que a modernidade tinha anotado (vulgo e povo distinguem-se, mas estão tão imbricados que se torna difícil saber onde começa um e acaba outro). E como se resolve este dilema, entre um povo herói e outro vilão? Talvez não se resolva, porque faz parte do processo histórico anotar a importância da dialética, ou também sublinhar que estamos a falar de abstrações, porque em última análise o povo não existe: o que existe são homens e mulheres com estruturas de personalidade, sentimentos, desejos e atitudes.

Os românticos pensavam num povo ideal, bem ao jeito da máxima latina: *Vox populi, vox Dei*, um modelo de virtudes nacionais e como tal com grande pendor utópico, mas tinham presente a rudeza e atraso do povo. Contudo, a principal novidade, relativamente ao Iluminismo²,

¹ Garrett, Almeida, 1828, p. 7.

² As ideias de Voltaire sobre o povo, tomado no sentido de vulgo ou gente vil, constituem um bom exemplo. É bem conhecida a máxima do autor francês,

é esta inversão de encarar o povo como produtor de uma cultura genuína, com produções diversificadas e duma riqueza imensa que persistiu através da Literatura Oral: romances, lendas, músicas, orações, costumes e tradições de índole diversa. Ao contrário dos ilustrados do século XVIII, os românticos compreenderam que neste mundo de representação o vilão pode transformar-se no herói e que os romances, os contos e lendas populares tinham uma poesia e valor patrimonial que importava reter e tirar do esquecimento.

É na continuidade desta escola, recuperada e valorizada posteriormente pelo positivismo, que procuramos as raízes da sabedoria e cultura popular, que tantos estudos têm originado e continuam a inspirar.

O imaginário popular assenta na religião, onde persistem mitologias ancestrais e milenares, que pode ser encarada como o sonho e anseio de milagre de conseguir o “pão nosso de cada dia”. Porque essa é a grande preocupação popular: como dar de comer aos filhos? Como suportar as árduas tarefas do dia-a-dia, se não se alimentar a esperança? Como conseguir a cura de doenças, sem médico e sem remédios? Por isso, o povo quer o milagre e acredita que ele é possível. É nessa crença que encontra a esperança para enfrentar uma realidade dura e insuportável. E assim surgem as lendas de mouras e encantos, com tesouros imensos escondidos, mesmo ali debaixo de umas fragas, na berma de um ribeiro. O sonho alimenta também as crenças cristãs, que a nível popular se manifestam sobretudo no culto à Virgem e aos Santos, a quem se promete manifestações e ritos diversos, em troca do milagre: a cura da doença, o fim da guerra e da fome. Neste caso, a religião resume-se a um negócio com a divindade e assume a simplicidade da ancestral sabedoria popular.

O outro fundamento para as produções culturais é o quotidiano, as tarefas e actividades: a agricultura, o comércio e as indústrias artesanais. É aos dados empíricos que se recorre para contar e recontar as velhas lendas e contos populares, para as adaptar à nova realidade, para as localizar até no espaço regional. Nada escapa ao olho perspicaz dos

segundo a qual o povo é estúpido e precisa de jugo, aguilhão e de feno: *Ce sont des bœufs auxquels il faut un joug, un aiguillon et du foin* (Voltaire, 1769, p. 428).

criadores e artistas populares: os caracteres físicos, para dar alcunhas, ou as profissões para fazer retratos genéricos dos habitantes de uma aldeia ou lugar. Não é por acaso que, no concelho de Vimioso, os de Vale de Pena são boubelos, os de Santulhão não cabem mais de quatro no escano, os de Argozelo são peliqueiros, os de Pinelo são boieiros e os de Vimioso são letrados.

Do mesmo modo que no circuito comercial dos livros, as criações mais originais persistem, porque em última análise têm o aval da comunidade, porque o público assim o quer, também na cultura popular cabe ao público a última palavra: na divulgação do objecto cultural e para assegurar ou não a sua persistência no tempo e no espaço. Mas no mundo das produções culturais populares as fronteiras da memória não são tão nítidas como no mundo da escrita e dos textos: há quanto tempo são boubelos os de Vale de Pena? E quem foi o primeiro que os baptizou? Questões de resposta bem difícil, porque estamos no reino da oralidade e da tradição popular. No mesmo sentido, a dimensão temporal das criações depende da aceitação do público: ainda hoje os de Carção continuam a ser surradores, quando essa prática já não existe.

Em síntese, e revisitando a organização do conhecimento proposta por Francis Bacon, as principais fontes que alimentam a cultura popular, são as que a seguir elencamos.

Memória

A tradição multissecular, contos, lendas, ditos e ditados têm a sua origem num tempo remoto. Falamos aqui da longa duração. Por exemplo, as lendas de mouras relacionam-se com a época histórica da reconquista, mas têm origem moçarabe, árabe ou indo-europeia. No seu percurso existencial os objectos da cultura popular vão adquirindo novas peles, outras terão morrido. Efetivamente há ditados populares, referenciados por Rafael Bluteau, que já morreram há muito, mas outros refizeram-se e outros continuam iguais. Poucos se lembram, por exemplo, deste sobre o linho: *Do linho arestoso, faz camisas ao teu esposo*; mas todos reconhecem este outro: *Deus só dá nozes a quem não tem dentes*.

Razão e Religião

O homem popular, camponês, jornaleiro, almocreve, ferreiro, sapaiteiro, revive ou cria nas tarefas do dia-a-dia as suas manifestações culturais. Nas segadas impõem-se os cantos e romances, a cultura adquire o papel de realidade virtual: ajuda o trabalho, porque descansa a alma, porque traz forças escondidas, porque apela ao convívio entre todos, à alegria e boa disposição para continuar até ao anoitecer com o trabalho, ou para melhor suportar as agruras do Verão. É muitas vezes por motivo de conversa que se repetem as alcunhas dos ausentes, que se conta uma lenda, que se relata um facto real que já entrou no imaginário da comunidade. É também na religião popular, que se depositam o sonho e crença no milagre, que alimentam a cultura popular. Razão e religião são complemento, e não rivais, porque “nem só do pão vive o homem”, enfim porque o sonho, que alimenta a alma é comum às duas.

Imaginação

O artista popular tem que se impor pelos seus dotes oratórios, pictóricos, musicais e outros, tem de ter da realidade e do quotidiano uma imagem inovadora. As palavras e sons têm de ser escolhidos para cativar o público, pois a concorrência apela ao treino dos dotes inatos ou adquiridos, mas o juízo final é sempre do público, dos que ouvem e aprovam com o riso, com as exclamações e depois repetem a história mencionando o seu autor, ou ignorando-o. Mas na ideia original está sempre a semente que depois germina e cresce transformando-se na árvore frondosa que enfrenta os tempos e os homens. Todavia a semente muitas vezes vem de longe, de tão longe que o produto que nos chega está travestido com as cores do tempo. Há contos que não passam de versões do imaginário captado pelos irmãos Grimm; alguém que ouviu ou leu o conto e depois o adaptou ao cenário quotidiano.

Foi com base nestes pressupostos que nos interessámos pela cultura popular da nossa terra e concelho. Reportamo-nos a um passado recente e que já em anteriores textos balizámos. O nosso campo de estudo está geograficamente circunscrito ao concelho de Vimioso, que

integramos em toda a região do Nordeste, e continuámos a usar o século XX como pano de fundo e a memória dos homens como fonte³.

Recolher contos e lendas de terras de Vimioso é entrar no “reino maravilhoso” da literatura oral popular, tão rica e tão diversificada que podíamos com ela formar uma autêntica enciclopédia. Com efeito, como dissemos, a literatura oral bebia não só na tradição, mas renovava-se com os dados da vida quotidiana, para deste modo alimentar o convívio das gentes populares, em volta da lareira, na taberna e em outros locais públicos mais frequentados. Era também um refúgio tantas vezes procurado para aligeirar as agruras e dureza do trabalho agrícola, nas ceifas, vindimas, trilhas e mondas. Era nesses convívios, e trabalhos agrícolas, que se recorria aos contos, aos ditos e ditados novelescos, para entreter, para instruir, corrigir, enfim para aproximar as gentes, através do riso ou da reflexão, e bem de acordo com a máxima latina: *ridendo castigat mores*⁴.

Como a finalidade destes pequenos contos era a de serem ouvidos, é sempre uma tarefa difícil captar o discurso; não só porque os contos se destinavam a ser contados e ouvidos com atenção, mas sobretudo porque implicavam a mímica e, normalmente no final, o comentário, ou o riso dos ouvintes. Os contos eram contados, recontados e comentados, pelo narrador e ouvintes. Estamos perante o dilema de passar para escrito o que na realidade era para ser contado e a que só a narração dá um significado pleno, tal como acontece nos sermões e nas peças de teatro⁵.

Outra dificuldade reside na sistematização dos objetos que podem ser vistos como produto da literatura popular. Decidimos apresentar o produto da nossa pesquisa em três domínios, em que a oralidade adquire o papel predominante: os contos e lendas populares, as alcunhas e o dicionário regional.

No primeiro domínio, distinguimos contos de lendas, de acordo com a definição avançada por Paulo Soromenho, a lenda tem um fundamento histórico, recorre ao maravilhoso, à religiosidade ou milagre;

³ Vaz, 2002.

⁴ Rindo se corrigem os costumes.

⁵ Lisboa, 1998.

enquanto o conto é ficcionado pelos narradores, baseado em factos reais ou experiências⁶.

Agrupámos depois os contos nas seguintes categorias:

- 1 – Animais
- 2 – Entre marido e mulher
- 3 – Facécias
- 4 – Santos e motivos religiosos
- 5 – Espanhóis
- 6 – Povoações e seus habitantes
- 7 – Bruxas
- 8 – Emigrantes e contrabandistas

Acrescentamos um conjunto de ditos e ditados novelescos, bem como provérbios e rifões que constituem bons exemplos de como, com economia de palavras, se podia ensinar, divertir e transmitir as dificuldades ou as alegrias da vida.

O tempo histórico destas criações populares é necessariamente um tempo longo e de difícil datação, como atrás referimos. Contudo, os contos e lendas recolhidos reflectem estruturas sociais, económicas e culturais que eram características do século XX nas aldeias do Nordeste Transmontano. Ou seja, estas criações constituem também um elo importante para perpetuar a memória das comunidades rurais, mais uma peça do *puzzle* para conseguir a história de gentes que ainda viviam no predomínio da oralidade. Neste facto reside a importância histórica que atribuímos a este trabalho, que continua a tradição positivista e romântica dos nossos grandes mestres da cultura popular.

Utilizámos sobretudo fontes orais, baseadas na memória de homens e mulheres de Pinelo. Entre eles destacamos o nosso pai que, pela sua prodigiosa memória e dotes de oratória, comprova bem o ditado africano: “*Quando morre um velho, é uma biblioteca que arde*”. Há alguns contos baseados na nossa memória e dados empíricos da infância e juventude, quando passámos mais tempo na aldeia e no convívio com os conterrâneos.

⁶ Vasconcelos, 1963, p. 6.

A recolha da informação decorreu entre 2002-2019, nos tempos de convívio com familiares e outros conterrâneos. Mudámos alguns nomes dos intervenientes para nomes vulgares na povoação, para não ferir suscetibilidades de pessoas ainda vivas ou seus parentes. Recorremos também a dados que coligimos para a monografia publicada em 2002 e onde já constam alguns contos e lendas, bem como um dicionário regional.

Reconhecemos e assumimos que a subjetividade enforma o objeto de estudo, mas estamos cientes que qualquer texto tem uma marca subjetiva, bem de acordo com a máxima do P. António Vieira: “*Todas as pessoas nasceram em carne e sangue, todas na tinta de escrever misturam as cores do seu afeto*”⁷. Por isso, não vemos nesse facto uma deficiência ou falta de rigor; pelo contrário, o trabalho que agora damos à luz beneficia dos elementos existenciais e passa a ter não apenas valor histórico, mas também literário.

A nível histórico este é um trabalho que, dadas as fontes utilizadas, se insere na área do património imaterial, um património que urge salvar e cuja riqueza e valor têm sido reconhecidos pelos especialistas nos fóruns internacionais. Por isso, este é um estudo a demandar novas pesquisas, particularmente, em terras de Vimioso, onde há muito por fazer no domínio dos “arquivos da memória”.

Começamos esta coletânea com alguns contos sobre animais que recorrem aos conhecimentos empíricos, incluindo o uso de onomatopéias, o cantar das aves que se transforma em discurso ou atribuindo o dom da fala às aves – dado que é notório no conto do galego.

⁷ Vieira, 1718, p. 181.

1 – ANIMAIS

O Galego e os pássaros

Um galego veio a Pinelo trabalhar e depois queria ir para Carção. Tomou o caminho da Malhada e, ao chegar perto do rio Maças, a que na região se chama simplesmente a Ribeira, no local onde se encontrava o Moinho da Horta, ouviu cantar a *amilpendura*⁸.

– Engolir o galego! Engolir o galego! Engolir o galego!

Cheio de medo, e não sabendo que era um pássaro, escondeu-se no arrieiro do moinho, mesmo debaixo do rodízio e dentro da água.

Mas mal se tinha escondido, começou a melra a cantar:

– Está metido no arrieiro! Está metido no arrieiro! Está metido no arrieiro!

Sentindo-se descoberto, o galego meteu-se mais para dentro. Quando se fez silêncio decidiu-se a sair, mas logo começou a cantar o *paspalhaço* do outro lado da ribeira:

– Tem-te atrás! Tem-te atrás! Bebe *auga*! Bebe *auga*!

O galego obedeceu, mas tanta água bebeu, que exclamou:

– Ai Senhor que já não posso mais⁹!

⁸ Designação dada às aves da família dos oriolídeos (*Oridus oriolus*), de cor amarela e preta no macho e verde amarelada e preta na fêmea. São noutras regiões de Portugal designados por papa-figos, ou clérigo. A designação *amilpendura* pode resultar do tipo de ninho que fazem dependurado entre dois galhos.

⁹ Contado por Lázaro Vaz, 29-8-2002. Neste pequeno conto, como em outros (veja-se infra o conto: *Tio Manuelão e Vinte e cinco galegos*), está documentado o sentimento anti-galego, que também se traduzia em expressões pejorativas, como *vento galego*, *filho de um galego* e *pariu a galega*. Também Sá de Miranda e Camões em alguns versos traduzem essa antipatia popular pelos galegos. Por outro lado, o conto pode ser uma variante das *Vozes dos animais*, recolhido em Carrazeda de Anciães e transcrito por Teófilo Braga (1883, 369-370), ou mesmo do *Músicos de Bremen*, dos irmãos Grimm (1864, p. 307).

Os habitantes de Vale de Pena e a boubela

Vale de Pena, também designada Quinta, é uma povoação raiana que pertence à freguesia de Pinelo. Os seus habitantes adquiriram a alcunha de *bobelos*, seja por influência mirandesa, seja por outra razão. Para sancionar essa alcunha contava-se a seguinte história com esse pássaro de plumagem castanha e com poupa. No início da Primavera, quando chegou a boubela, os habitantes de Vale de Pena ficaram tão deslumbrados com o pássaro que pensaram que era Nossa Senhora. Decidiram então enfeitar um carro de bois com toalhas e colchas brancas, para lhe dar uma capela e conduziram o carro para as eiras em procissão dizendo:

– Senhora da *capelica* pousai em branco!

Diziam assim porque a boubela tinha a poupa e queriam que ela pousasse no carro. Mas o pássaro voou para outro lado cantando:

– Bu, bu, bu! Bu, bu, bu! Bu, bu, bu!

Ao que respondiam os da Quinta:

– Chamais-nos burros e nós que lo somos¹⁰!

¹⁰ Contado por Lázaro Vaz, 29-8-2002.

Tio Manuelão e os grilos

Tio Manuelão era um peneireiro galego, que vinha a Pinelo, por diversas vezes, a procurar trabalho e vender algumas peneiras. A alcunha vinha do facto de ser forte e alto. Tinha sempre muitas histórias a contar e brincadeiras a fazer e por isso atraía os garotos, com quem se divertia e gozava como podia. Numa dessas ocasiões, brincara com os garotos, mandando-os apanhar grilos, prometendo que, por cada um que lhe levassem, lhe daria um tostão. A garotada foi logo para as eiras e campos próximos apanhar os grilos. Quando, munidos de caixas e com os grilos, chegavam junto do galego, este abria a caixa tirava o animal e dizia:

– Esta é grila.

É claro que todos eram grilas, e os garotos nada receberam. Um adulto que presenciou a cena disse:

– Tio Manuelão vós estais sempre a contar histórias, a ensinar asneiras aos garotos e a fazer-lhe maldades. Por isso, Deus vai castigar-vos e quando morrereis ides para o Inferno!

Tio Manuelão com o seu sentido cómico e usando a rima respondeu:

– Não, nós pró Inferno não vamos, mas uma *chamuscadela* às nalgas sempre a levamos¹¹!

¹¹ Contado por Lázaro Vaz, 11-9-2002.

O encontro entre as andorinhas e os porcos-espinhos

Porcos-espinhos é a designação tradicional dos pintarroxos, em terras de Vimioso, pássaros que chegam no inverno e partem na primavera. Contava-se que tinham a mancha avermelhada no papo, porque um deles tinha seguido o cortejo da paixão de Cristo, e condoído, tinha tirado alguns espinhos da coroa de Jesus. A mancha vermelha era portanto uma espécie de distintivo ou medalha pela sua boa ação.

Outra história que se contava a propósito dos porcos-espinhos relatava o seu encontro com as andorinhas, no final do verão, quando estas partem para terras do sul. Ao cruzarem-se no caminho, os porcos-espinhos perguntam às andorinhas:

– Onde vindes suas tontas, que vindes muitas e *fosteis* poucas?

Ao que as andorinhas respondem:

– Do mesmo sítio para onde ides porcos loucos, que *fosteis* muitos e vindes poucos.

E todos os anos se cumprimentam com este dito¹².

¹² Contado por Lázaro Vaz, 22-8-2002.

Conversa entre os galos e os gatos

Tendo a dona da casa saído para fora, e como se esqueceu de dar de comer aos gatos, estes estavam cheios de fome e perguntavam miando:

– Pra onde terá ido a nossa ama? Miau, miau, miau.

Ora como os galos estavam no galinheiro de papo cheio, porque a dona não se tinha esquecido de lhe dar de comer, respondiam cantarolando:

– Foi prá segada! Foi prá segada! Có, có, ro có, có!

Os galos catavam assim não só por estarem de papo cheio, mas também porque sabiam que à noite a dona lhe trazia uma boa gabela, que depois debulhava para eles comerem, pelo que continuavam a cantarolar:

– Foi prá segada! Foi prá segada!¹³

¹³ Contado por Maria da Anunciação Rodrigues, 25-12-2003.

Canto dos galos na capoeira

Outra interpretação do canto dos galos num dia de festa rezava assim. Os galos estavam numa capoeira no Recosto, sítio próximo da povoação de Pinelo, e quando avistaram a gente que vinha do outro lado do ribeiro, no caminho de Outeiro, montados em mulas e burros desataram a cantar. O coro começou com o canto do galo mais velho:

– Có coró, có, có! Vêm aí os fidalgos.

E responderam os outros:

– E jantarão cá?

E o mais pequeno, pensando que seria o escolhido para a refeição:

– Triste de mim¹⁴!

¹⁴ Contado por Maria da Anunciação Rodrigues, 27-7-2016.

Ensinar o burro a falar

Era uma vez um condenado a morte que ia a caminho da forca, quando o rei ia a passar. O condenado pediu clemência ao rei dizendo:

– Real Senhor tende piedade de mim e concedei-me um ano de vida.

– E se te der um ano o que prometes fazer em troca? Perguntou o rei.

– Saiba vossa majestade que eu tenho em casa um burro e num ano ensinarei o burro a falar.

O rei ficou impressionado e decidiu dar-lhe essa oportunidade dizendo:

– Pronto então dentro de um ano terás de trazer o burro à minha presença para comprovar que fala.

Deste modo, o homem conseguiu salvar-se da forca por um ano. E quando alguém lhe perguntou:

– Mas como e que vais fazer falar o burro?

– Não sei, mas num ano acontece tanta coisa! Até pode suceder que morra o burro, ou morra o rei, ou morra eu. O que conta e que me salvei da forca.

E assim este homem mostrou que não sabemos de facto qual o tempo que temos, mas que o tempo é também o nosso capital mais valioso e o importante é saber geri-lo da melhor forma. Por isso, vale sempre a pena viver, mesmo que seja para ensinar um burro a falar!

O burro do espanhol

Outra história que se contava, a propósito de burros, era a de um espanhol e rezava assim. Era uma vez um espanhol que, como muitos outros atravessava alguns tempos de penúria, e decidiu ensinar o burro que tinha a viver sem comer. Pensava poupar na ração do burro para aumentar a sua. E de facto o burro aguentou alguns dias, talvez mesmo semanas, ou até meses só a beber água, mas como é bom de ver, passado esse tempo sem comer, morreu. Perante a morte do burro, o espanhol, exclamou:

– Raio do burro! Agora que estava quase a aprender a viver sem comer é que morres!

Este conto demonstra, mais uma vez e com traços caricatura, como muitos contos sobre os espanhóis, iam sempre no sentido já referido de apontar a fineza dos portugueses e a ignorância ou burrice dos espanhóis.

Bertolino e as senhoras do manto preto

As moscas eram um flagelo que acompanhava os habitantes das aldeias de terras de Vimioso, quer porque o gado era muito e vivia de paredes meias com os homens, quer porque não havia remédio que as eliminasse de forma definitiva. A propósito de moscas, contava-se uma história, que incluía também o mel, e tinha como personagem central um rapaz com algum atraso mental chamado Bertolino. Depois de colherem o mel, a mãe mandou o rapaz à feira para vender algum, mas como sabia que ele era meio simplório, recomendou-lhe:

– Bertolino, olha não vendas o mel a quem falar muito. Os que falam muito não querem comprar, querem é tirar nabos do púcaro.

E com tal conselho da mãe lá foi Bertolino, a cavalo da burra e nos alforges as duas latas de mel para vender na feira. Chegado à feira, e depois de prender a burra a uns ramalhos, que havia ali próximo do recinto, montou a sua montra de mel: as latas, que abriu para os feirantes verem e comprarem a mercadoria.

Passou um e perguntou-lhe:

– Olha que belo mel parece bom. É deste ano? E quanto queres pelo mel?

– Meu caro senhor, o mel é mesmo deste ano, mas olhe que não lho posso vender porque o senhor fala demais.

E assim respondeu a mais dois ou três que revelaram interesse em comprar o mel. O Bertolino ajuizou que todos eles falavam demais e portanto não eram bons para lhe comprar o mel. Entretanto, como era tempo de Verão, por alturas de Setembro e as latas estavam abertas, o mel começou a atrair um enxame de moscas que caíram em cima do mel e praticamente em silêncio o foram devorando, enquanto Bertolino assistia impávido e sereno, pois aquelas feirantes não perguntaram,

nem o preço, nem a data da colheita do mel e também não desdenhavam do produto. Os que passavam e viam o mel coalhado de moscas riam-se e encolhiam os ombros, ou então, olhando para o rapaz, batiam com o dedo na fronte sinal de que não era bem acabado.

As moscas comeram o mel e Bertolino na sua simplicidade esperava que lhe pagassem mas, como desaparecessem logo que não havia mel nas latas, ficou muito preocupado e decidiu apresentar queixa das moscas ao juiz da vila, ciente de que a razão estava do seu lado. E lá se dirigiu ao tribunal e contou ao juiz tudo o que se passara e resumindo a sua sina e razão da sua queixa com uma frase:

– E foi assim, senhor doutor juiz, que as senhoras do manto preto comeram o mel e não me pagaram nada.

O juiz apercebeu-se logo do atraso do rapaz, mas quis brincar um pouco com a situação, ou então quis fazer jurisprudência para próximos ataques e crimes das senhoras do manto preto, e ditou a sua sentença final:

– Meu caro rapaz, a minha sentença é muito simples: quando vires uma dessas senhoras do manto preto, pega no cajado que trazes contigo e dá-lhe uma boa paulada!

Neste mesmo momento, em pleno tribunal, uma grande mosca prazenteira, provavelmente uma das que tinha provado o mel e ainda estava a lamber as patas depois do crime, foi parar na cabeça do juiz. O Bertolino não esperou mais, vendo a mosca pousada na cabeleira do magistrado, puxou do cajado e deu uma boa bordoadada e de tal forma certa que matou a mosca e ouviu um bom e alto grito do juiz, que assim pagou caro a sentença.

Esta história mostra muito bem que quem tem uma boa cabeça nunca deve gozar, ou depreciar a dos outros, mesmo que aparentemente lhe pareça que está a lidar com um simplório¹⁵.

¹⁵ Contado por Lázaro Vaz, 24-8-2008.

Ciência dos homens

Esta outra história é também sobre um simplório que revelou alguma sabedoria numa situação difícil. Refere-se a um condenado à forca e que foi salvo no último momento pela generosidade do rei. Era uma vez um rapaz que foi apanhado a roubar mel e foi condenado à morte. Desiludido da vida, ficou apalermado e passou a repetir continuamente o mesmo dito:

– Ciência dos homens! Ciência dos homens!

No dia de ir para a forca e durante o cortejo em que seguia o Rei, o rapaz continuou a repetir o mesmo e sem parar. O rei ficou intrigado e ordenou:

– Explique-me lá o que é isso da ciência dos homens e eu salvo-o da forca.

– Pois saiba vossa majestade, que meu pai fazia cortiços e eu embosteava-os. É esta a ciência dos homens. Respondeu o rapaz pondo fim ao enigma.

Ora a palavra do rei não volta atrás e, deste modo, o rapaz conseguiu o perdão real e continuou no seu ofício de embostear os cortiços que o pai fazia, dando-lhe o toque final, antes de receberem as abelhas e se cobrirem de favos de mel¹⁶.

¹⁶ Maria da Anunciação Rodrigues, 15-8-2016.

Sopas de cavalo cansado

As sopas de cavalo cansado são ainda hoje uma especialidade da culinária de terras do nordeste. Mais vulgares noutros tempos em que se faziam no dia em que se cozia, quando o pão acabado de sair do forno estava ainda quente. Cortavam-se então os bocados de uma ou duas bolas de pão num prato de barro, deitava-se-lhe mel e vinho e ficava um doce caseiro de primeira para deliciar adultos e crianças. Era uma receita simples e barata. A propósito do nome e da origem desta receita conta-se em terras de Vimioso a história que se segue.

Era uma vez um vinhateiro espanhol que vendia e comprava vinho em terras de Miranda, sobretudo o vinho da vila de Sendim. Transportava o vinho que negociava em botos de couro colocados numa carroça, puxada por um cavalo. Um dia o cavalo estava tão cansado que parou e caiu para o lado. O vinhateiro apeou-se e começou a lamentar-se:

– Valha-me Dios e Su Madre, valha-me Dios e Su Madre!

Tentou que o cavalo se levantasse, batendo-lhe e puxando por ele, mas todos os seus esforços e pancadas não tiveram qualquer efeito. Desesperado o espanhol lembrou-se de lhe dar vinho com pão. Tirou o chapéu, deitou uns bocados de pão dentro e regou-os com meio quartilho de vinho. Deu as sopas a comer ao cavalo, que as devorou com relativa rapidez e mal as acabou se levantou revigorado. O homem subiu para a carroça, puxou os arreios para prosseguir a viagem e comentou:

– Dios es bueno e Su Madre, mas como vinho de *Muralacha* isso es tarde.

Queria o espanhol dizer que as sopas de vinho tinham sido muito melhores que as preces e invocações a Deus e à Virgem. E assim terá começado esta ideia de juntar o vinho com o pão e também a explica-

ção do seu nome: sopas de cavalo cansado. Porque tal é a força do alimento que qualquer cavalo cansado fica como novo, depois de uma boa malga de pão com vinho e um pouco de mel. Era também por isso, que se davam as sopas de cavalo cansado aos doentes e às crianças. Estas últimas iam assim criando o hábito de se adaptar ao vinho, que na gíria popular se considerava o “sangue dos homens”¹⁷.

¹⁷ Contado por Lázaro Vaz, 24-08-2008